

## Nas vizinhanças do feminino: entre a inveja e o desejo; o amor, a verdade e o impossível

Maria Luiza Arruda Rodrigues

Começo pelo final. Pergunto como e em que posição fica uma mulher no final de sua análise. Como lidar com aquilo que resulta da sua castração: o dano, a renúncia e o enigma que a define enquanto tal.

*Penso no que sempre acontecia quando estávamos casados: era eu que ia à luta, que arranjava o dinheiro pra gente se manter, que sustentava a casa... Eu que ficava “por cima” na hora da cama... que era a ativa. Eu que arranjava os amantes...*

*Sempre fui o masculino na nossa relação. Até na hora de me vestir: eu uso mais calças compridas que vestidos.*

*Não queria nada disso. Só queria que ele tivesse sido mais homem comigo: que me cortasse, me tomasse a frente, que determinasse as coisas. Queria que ele me seduzisse...*

*... Amanhã é meu aniversário. Sai pra comprar um presente pra mim e, adivinhe, comprei vários vestidos!*

Pensando no longo percurso que faz uma mulher em busca de sua sexualidade, retomo Freud em uma primeira aproximação, imaginária. É na diferença anatômica entre menino e menina que ele vai tentar compreender como cada um se institui. Há um órgão que se oferece como atributo essencial à virilidade. Mas, já aí, algo aparece como absolutamente dissimétrico e que não pode ser reduzido ao anatômico — a aproximação entre um pênis e um clitóris é insuficiente e revela o que ordena o sexual: enquanto para o homem há uma marca inscrita que suporta sua masculinidade, nada de próprio ao feminino se oferece. Conhecer sua anatomia não aponta para ela um saber sobre o feminino. Sabe-se do masculino, ainda que pela sua ausência, sua falta ou sua perda. Pois, nos começos, diante da mãe, todos somos indistintos e todos temos o mesmo sexo. A criança submetida aos cuidados maternos, padece de uma satisfação passiva. Separar-se da mãe e ir em busca de outra satisfação é um (e só um) caminho para o sexual.

Avancemos na leitura que Freud faz do Édipo e do “eu não sabia edipiano” — o recalcado. Um saber que diz respeito ao incesto, à lei e ao gozo. Eis a pedra angular da Psicanálise, estrutura mínima e universal que nos conta da verdade de cada um, nunca acessível em seu todo e que se anuncia de modos diferentes em relação à neurose, à psicose e à perversão.

Aqui podemos traçar um paralelo entre o recalcado e o feminino. Se há um primeiro recalque que faz surgir o sujeito, em sua pré-história identificado ao Pai, um outro terá que impelir a menina em seu caminho para tornar-se uma mulher. Terá que recalcar sua masculinidade primordial, voltar-se ao pai, indagar sobre o seu desejo e sua essência e, paradoxalmente, retornar aos primórdios, pondo-se numa posição que a recoloca em contato com o impossível e com um gozo que a lei não pode barrar.

Assim, estranho é dizer que é a “falência” daquilo que o conflito edípico vem normatizar que abre o caminho para o feminino.

Se podemos dizer que o homem herda do Édipo um limite (ele é castrado simbolicamente) e um lugar em relação aos seus objetos, podendo assumir aquilo que Lacan nomeia como assumir “a virilidade efetiva”; a cada mulher se apresenta, após

perceber-se castrada, um caminho tortuoso que a impele ao Pai e a uma insatisfação permanente.

Desejo de quê?

Sua entrada no Édipo faz-se, novamente, por uma via masculina, através de uma identificação imaginária. É em torno do significante que regula a sexualidade do outro sexo que ela vai orbitar.

*O sexo feminino tem uma característica de ausência, de vazio, de buraco que faz com que aconteça ser menos desejável que o sexo masculino no que ele tem de provocante, e com que uma dissimetria essencial apareça.* (Lacan, no seminário: *As Psicoses*)

Falta-lhe material simbólico, um significante que sustente sua própria diferenciação.

É a partir dessa identificação, deste instrumento imaginário que institui o sexo outro, que ela se pergunta sobre si mesma. Aquilo em que lhe falha o simbólico, ela vai buscar numa realização imaginária. Ela sabe como deve ser um homem. E, através dele, vai-se perguntar sobre si mesma.

*Sua posição é essencialmente problemática, e até certo ponto, inassimilável.* (Lacan, no seminário: *As psicoses*)

Perguntar-se *como é ser uma mulher?*, não é o mesmo que sê-lo.

Como escapar do paradoxo de que, frente à mãe, se é sempre masculino e só perante o Pai se chega à feminilidade?

A histórica se pergunta como é ser uma mulher, o que deseja uma mulher? Sou homem ou sou mulher? Pois, ela sabe como deve ser um homem. E uma mulher?

Sua pergunta resvala, sucumbindo ante a sexualidade da mãe. Lembro-me de uma menininha que após perguntar “tudo” o que ela já sabia sobre sexo, indagou da mãe: *E tu gosta?*

O Édipo não se conclui para o feminino, mas a chave do enigma está com o Pai. Identificar-se a ele, saber do seu desejo e do objeto que o causa... Apossar-se de um saber sobre si mesma a partir dele.

O que deseja uma mulher? Ir em busca de um FALO, servir-se dele e gerar um filho, para ter “de novo” um FALO? Ela gira em torno disso. E, novamente, só um PAI pode castrá-la, apartá-la de seu rebento e, enfim, fazer dela objeto causa de seu desejo, aplacando a dor e a desventura de nunca saber-se como é e de buscar sempre um impossível.

Atravessando ciclos, reatualizando perdas, sempre mutilada, escapando ressentida; retornando ao inatingível que a constitui em sua essência — feminina.

O encontro com a castração, e para além dela, com o que é da ordem do impossível de dizer do *sinthome*, coloca o sujeito numa posição feminina ao final da análise. Deparar-se com o buraco, mais além do FALO, eis o fim.

Para o analista, este é o lugar em que não há mais o exercício de um poder, situado no lugar da verdade. Tal qual uma mulher, ele não retém, ele não detém um saber. Ele deixa que se vá, permanecendo resto.

Uma mulher, ainda que ela só o seja em alguns momentos, poderá se oferecer a um homem como o próprio FALO, mas estará sempre direcionada para um “mais além”, à incompletude de um Grande Outro. No fim da análise, ela não apenas tem o seu sintoma, mas conhece-o; ela é o próprio *sinthome*. Aprendeu com o seu duro ofício

de tornar-se feminina a manobrá-lo, a manipulá-lo, a tentar desembrulhá-lo como se desembrulha um presente.

## REFERÊNCIA

ANDRÉ, Serge. O que quer uma mulher? Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

FREUD, Sigmund. A dissolução do Complexo de Édipo. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1990.

— . Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos

— . Sexualidade feminina

LACAN, Jacques. O Seminário: livro 3, As Psicoses. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

WESKAMP, Mariel Alderek. Lo Entrañable de la posición feminina y el fin de análisis. Ciudad de Buenos Aires, Editorial Escuela Freudiana de Buenos Aires, 2003.